



O NAVEGANTE

POUND, EZRA. 'THE SEAFARER', *EARLY POEMS*, DOVER PUBLICATIONS, NEW YORK, 1996 (ISBN: 0-486-28745-9)

Ezra Pound
Tradução: Marcelo Fonseca
Ribeiro de Oliveira*

* marceloprof2011@gmail.com
Graduação em Filosofia. Mestrando em Filosofia Moderna na
Universidade Federal de Minas Gerais.

Que por mim mesmo soe verdadeiramente esta canção.
Como eu, em dias severos, no jargão das jornadas,
Muitas vezes adversidades as suportei.
Amargas preocupações no peito arrotei,
Sabendo, no meu barco, controlar inquietações
E ondas oceânicas medonhas. Inúmeras vezes atravessei,
À proa, rigorosas rondas noturnas,
Enquanto a balsa arremessava próxima aos rochedos.
Friamente aflito, meus pés foram entorpecidos pelo gelo.
Desalento é este cativo. Lamentos e escoriações
Cortaram completamente o meu coração e a fome tornou
O meu humor extenuado. Para que o homem não desconheça
Que ele, na terra seca, vive amavelmente,
E ouça como eu, no frio mar de gelo, ansioso e desventurado,
Suportei o inverno, pária infortunado

Dos seus conterrâneos privado.
Coberto por duros flocos de gelo, onde flutuavam saraivas.
Salvo o severo mar, eu lá nada ouvia,
Enquanto o cisne chorava as ondas de gelo glacial,
O clamor do mergulhão cantou para as minhas rimas,
Para mim foi piada o ruído das aves marinhas,
As gaivotas cantavam enquanto eu bebia.
Tempestades chocavam-se de encontro aos rochedos e na popa eu sentia
Penas glaciais, repleto do grito da águia com gotículas em suas asas.

Nenhum protetor
Deve fazer um homem feliz necessitado de mudanças.
Nisso ele pouco crê, quem, sempre em vida cativante,
Resiste, burguês, a algum trabalho duro,
Opulento e inflamado pelo vinho; como eu, em fadiga constante,
Sobre a água salgada tive que velar.

Na tempestade de neve vinda do norte, próxima à erva-moura,
O granito abate a terra e a geada congela o campo, e então,
Os mais frios grãos. Não retumbaram na terra
Os pensamentos passionais de que eu, sobre altas torrentes,
Atravessei o tumulto das ondas salgadas em solidão.
Minha mente esteve sempre perdida em súplicas
Para que eu seguisse adiante e, mesmo distante,
Procurasse estrangeiro e sólido pouso.

Não há para homem soberbo sobre a terra,
Que, embora bem a si tenha feito na ávida juventude,
E não importa a audácia do seu ato e a fidelidade ao seu rei;
Ele deve ter desgosto pelo mar,
Não importando a vontade de seu senhor.
Ele que, sem aliança nos dedos, não tem coração para arpejos,
E nem atrações e encantos para uma esposa ou para delícias mundanas.
Nada o salva dos golpes constantes das ondas,
E a saudade cobre-o, e a água cobra o seu quinhão.
O bosque floresce, nasce a beleza dos morangos,
Viçosa torna-se a terra, encanto para os campos,
Tudo isso lembra o homem ávido de ânimo,
E volta o coração a viajar. E então ele pensa
Nos dilúvios dos caminhos distantes, longes da partida.
O pássaro em desalento chama com choro,
Ele canta, pressagiando desgostos, a vigília no estio,
O sangue amargo do coração. O burguês não sabe –
Ele, o homem próspero – que tipo de conquistas
Estarão imaginando e que serão longamente empreitadas.
Por isso, meu coração rompe no meu peito,
No meio do oceano, meu ânimo
Irá longinquamente devanear sobre a imensidão de uma baleia.
Vem constantemente a mim do abrigo terrestre,
Ligeiro e ávido, o voador solitário e choroso.
Um coração é aperitivo para o apetite da baleia,
Vendo que, sobre os rastros do oceano, de alguma forma,

Meu Senhor atribuiu a mim esta vida morta
E temporária sobre a Terra. Não acredito
Que um conforto sempre almejado,
Seja ou não trágico,
Faça um homem disposto recuar antes da partida.
Velhice, doença ou o ódio da vingança
Aceleram a respiração de um corpo destinado à gripe.

Todo Conde, para tal falo, depois para outros –
Que alardeiam última palavra de louvor à vida,
Desejará trabalhar antes que se vá.
E sua malícia, carcaça contra os inimigos sobre a terra formosa,
É uma atividade audaciosa...
Devem honrá-lo, então, todos os homens
E, além disso, que permaneça entre os ingleses o seu louvor.
Aye! Para sempre uma última rajada de vida
E o deleite entre os valentes.
Pouco duráveis os dias,
Toda a arrogância dos mundanos e ricos,
Nem reis nem Césares agora vêm,
Nem senhores dados ao ouro, como estes foram.
Que seja em magnífico júbilo,
Quem quer que vida mais digna vivera,
Que entristeça toda essa excelência e os infindáveis deleites!
Declina o tempo, mas permanece o mundo.
O túmulo oculta o dilema. Lentamente o remo é cantado.

Seca e envelhecida a glória terrestre.
Nenhum homem indo aos portões da terra,
O tributo dos anos contra ele, sua pálida face,
Padece de cabelos acinzentados, idas companhias conheceu.
Nobres homens oferecidos para a terra,
Ele não deve cobrir a carne onde a vida cessou,
Nem comer o doce, ou sentir pena,
Nem agitar a mão ou pensar profundo.
E, embora ele semeie o túmulo com o ouro,
Seus amigos natos, seus corpos enterrados
São um inauspicioso e valioso tesouro.